

QUESTIONAMENTOS SOBRE GÊNERO, FAMÍLIA E TRABALHO NA AMÉRICA LATINA

Soraia Carolina de Mello
Mestrado em História – UFSC
soraiaa.mello@gmail.com

GUTIÉRREZ, MARÍA ALICIA (org.). *Género, familias y trabajo: rupturas y continuidades. Desafíos para la investigación política*. Buenos Aires, CLACSO: 2007. 244 p.

O livro é resultado do Seminário *Género, familias y trabajo: rupturas y continuidades. Desafíos para la investigación y la acción política*, realizado na *Universidad de la República*, em Montevideu, no Uruguai. Tanto o seminário como o livro são de responsabilidade do *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* – CLACSO –, que possui um Grupo de Trabalho de Gênero, do qual as autoras da compilação fazem parte. Vale citar que a publicação conta com o apoio (nesse caso material, pois aparece como “patrocínio”), da Asdi – Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional. É um fator que deve ser citado pois explicita que as pesquisas contidas e os problemas levantados possuem alguma ressonância internacional e fazem parte das preocupações de movimentos por cidadania e direitos humanos para além da América Latina.

Partindo de uma perspectiva de gênero, os artigos são resultados de pesquisas que visam problematizar as relações familiares e de trabalho: como uma transforma a outra, como coexistem e quais os principais conflitos resultantes das mesmas. Nesse sentido, alguns temas ganham destaque, como é o caso da dupla jornada de trabalho feminina, que é cada vez mais comum nos países estudados; da divisão sexual do trabalho, tanto no mercado de trabalho como nos lares; das percepções de masculinidade e feminilidade que se constroem a partir da divisão do trabalho; e da paternidade como constituinte de padrões de masculinidade, os quais mostram ter sofrido modificações significativas nas últimas décadas. O livro se estrutura em seis artigos, sendo que há um comentário a cada dois deles, o que acaba criando uma subdivisão não explícita, segundo os seguintes eixos temáticos: trabalho feminino extra-doméstico, trabalhadoras assalariadas com filhos e homens e seu papel familiar. Além disso, a publicação conta com um prólogo de María Alicia Gutiérrez, socióloga que organiza a obra e que é também coordenadora do Grupo de Trabalho de Gênero do CLACSO, e com uma breve introdução de Rosario Aguirre e Karina Batthyány, as quais escrevem mais adiante em seus artigos individuais sobre mães trabalhadoras assalariadas.

No prólogo, além de apresentar os artigos que compõe a compilação, a organizadora problematiza algumas questões que considera centrais para as discussões que serão realizadas. Começa com a estreita relação entre família e gênero, ressaltando o fato de que os papéis sociais familiares são construções culturais, da mesma forma que o são os papéis sociais de gênero, estando esses intimamente interligados e sendo dependentes uns dos outros. Então há um subtítulo, *Historiando la familia*, que apresenta três modelos históricos de família, que correspondem às necessidades e aspirações das sociedades de seu respectivo tempo: a família tradicional, a família moderna e a família contemporânea. É a partir do modelo de família contemporânea que se apresentam os artigos do livro e as principais preocupações com as quais estes se envolvem.

Na introdução, chama-se a atenção para a necessidade atual de se reconhecer que as desigualdades podem estar em uma multiplicidade de espaços e relações sociais, de maneira que a perspectiva de gênero se apresenta útil na análise de desigualdades. Fala também do papel de trabalhos estatísticos no empreendimento de trazer à tona as desigualdades, nesse caso as de gênero, o que nas pesquisas apresentadas se faz principalmente de duas maneiras, ainda que em diversas dimensões: estatísticas explicitando desigualdades de gênero no mercado de trabalho, e estatísticas explicitando desigualdades de gênero nos lares. Finalizam a introdução colocando que o propósito desses trabalhos é avançar as discussões buscando estudos comparativos, considerados como indispensáveis ao desenvolvimento das ciências sociais latino-americanas.

O primeiro eixo temático do livro, tomando a liberdade de dividi-lo dessa forma, é sobre o trabalho feminino extra-doméstico. Este conta com o artigo *Abriendo la caja negra del sector servicios en Chile y Uruguay*, de Irma Arriagada, com o artigo *Trabajo extradoméstico y relaciones de género: una nueva mirada*, referente ao México, de Brígida García e Orlandina de Oliveira; e o comentário dos respectivos trabalhos feito por Marisa Bucheli, economista uruguaia.

O artigo de Irma Arriagada, ainda que contextualize a inserção feminina no mercado de trabalho dos países em foco e dê atenção ao processo de terceirização dos serviços (o qual emprega grande quantidade de mão-de-obra feminina), se centra principalmente em uma análise econômica, inclusive ao definir o que seriam serviços. Quando começa a citar os dados da pesquisa realizada, o faz de forma quase automática, sem discuti-los posteriormente. Resta uma impressão de que discussões sobre esses dados poderiam ser aprofundadas, quando as conclusões são apenas um resumo dos resultados estatísticos da pesquisa.

Já o artigo de Brígida García e Orlandina de Oliveira surge com a proposta de uma análise quantitativa e qualitativa, o que abre um pouco mais as discussões sobre os dados coletados, e aprofunda melhor teoricamente os problemas observados.

Apresenta diferentes correntes teóricas sobre o trabalho feminino, assim como experiências acumuladas das próprias autoras em pesquisas realizadas anos antes. Coloca o trabalho como um dos fatores de autonomia feminina, e não determinante da mesma, e explica porque a análise é uma análise dentro da perspectiva de gênero. Analisando, além do trabalho das mulheres fora de casa, também o dentro de casa, e sua divisão marcada por questões de gênero, o artigo considera um grande número de variáveis a fim de fazer sua análise, como a violência doméstica, questões referentes à família de origem dos conjugues, escolaridade, renda e lugar de moradia. Dessa forma, ainda que seja um trabalho limitado, ele dialoga de maneira mais fluente que o anteriormente citado com questões que estão além da amostragem da pesquisa. Apesar de algumas generalizações na busca por fatores explicativos, é um artigo que pretende, alinhado à perspectiva de gênero, observar as relações dentro de sua complexidade, na medida em que tenta reproduzir esta através de um grande número de variáveis.

O comentário aos artigos, de Marisa Bucheli, critica-os separadamente. Sobre o *Abriendo la caja negra del sector servicios en Chile y Uruguay*, de Irma Arriagada, comenta-se principalmente questões relacionadas à economia uruguaia. Marisa Bucheli observa uma generalização a respeito de diferentes momentos econômicos pelos quais passa o país no recorte proposto pelo artigo, e propõe inclusive outro recorte temporal para o mesmo, o qual não estaria tão consoante com as fases econômicas por ela indicadas. Não se preocupa em comentar sobre o Chile. Já sobre o segundo texto, *Trabajo extradoméstico y relaciones de género: una nueva mirada*, fazem-se apontamentos que de certa maneira surpreendem. Apesar de críticas consistentes a respeito de algumas afirmações do texto que soam deterministas, aponta-se com veemência o reduzido número de variáveis da pesquisa, que poderiam deixá-la mais específica e ajudá-la a responder mais perguntas. Esta é também uma crítica válida, mas que estranhamente não é feita ao primeiro artigo, que mostra-se muito mais limitado nesse sentido. Há ainda uma questão que merece ser citada: Marisa Bucheli sugere que a desigualdade entre homens e mulheres poderia ser observada através da carga horária total de trabalho, em casa e fora dela. Essa sugestão parece propositalmente ignorar o fato de que o trabalho doméstico é um trabalho desvalorizado socialmente, e que não pode ser medido de igual para igual com um tipo de trabalho socialmente valorizado quando se busca responder questões sobre desigualdade.

O segundo eixo temático do livro, sobre mães que trabalham fora, conta com os artigos *Trabajar y tener niños: insumos para repensar las responsabilidades familiares y sociales*, de Rosario Aguirre; *Articulación entre vida laboral y vida familiar: las prácticas de cuidado infantil de trabajadoras asalariadas de Montevideo*, de Karina Batthyány; e o comentário sobre os dois artigos realizado por Carlos Filgueira, sociólogo uruguaio.

O artigo de Rosario Aguirre é muito interessante, e se mostra estar em diálogo, se não engajado, em políticas públicas e propostas dos movimentos feministas. Ela discute questões relacionadas ao conceito de cidadania e de políticas públicas para as mulheres, ressaltando a importância histórica dos feminismos nessas questões. Faz-se também uma discussão importantíssima para os movimentos, a respeito do paradoxo entre igualdade e diferença, através do qual as minorias, em busca de igualdade de condições e oportunidades, buscam reafirmar sua diferença e a necessidade de tratamentos diferenciados, como por exemplo ocorre nos casos de políticas de cotas.¹ Observam-se também questões relacionadas à divisão de esferas, pública como masculina e privada como feminina, e o importante papel dos movimentos e teorias feministas na crítica a essas questões. Comenta-se ainda sobre os modelos de estado, as propostas dos estados de bem-estar social, o acesso das mulheres ao mercado de trabalho nesses diferentes modelos estatais e questões relacionadas à socialização do trabalho doméstico em diferentes lugares do mundo.

O artigo seguinte, de Karina Batthyány, se trata de um estudo de caso, no qual um grupo de mães trabalhadoras de um setor específico é entrevistado a respeito de sua rotina, dos cuidados com seus filhos e das dificuldades para conciliar o emprego e sua vida doméstica. Nele encontramos algumas discussões interessantes, a respeito do trabalho doméstico não remunerado, do conceito de cuidado e de como esse tipo de função é socialmente atribuída às mulheres. Nos resultados da pesquisa evidenciam-se, como em artigos anteriores do livro, a clara divisão de tarefas no lar, as diferenças nessas divisões conforme os rendimentos e escolaridade da família, e a necessidade de socialização dos afazeres domésticos para que as mulheres tenham, então, pleno direito de ingressar no mercado de trabalho. Cita-se inclusive que a maioria das entrevistadas considera que o Estado é responsável pela atual situação das mulheres trabalhadoras, por não possuir políticas públicas que as incentivem e ajudem – a questão da ausência de creches é muito presente. Ainda que as estatísticas sejam muito marcantes no texto, elas dialogam melhor com teorias e com um quadro mais geral do que ocorre no primeiro artigo do livro. Mesmo sendo este um estudo bem específico, na conclusão a autora o utiliza para lembrar da necessidade de desprivatizar esse tema, tirá-lo da esfera privada e convertê-lo em um tema de interesse público.

O comentário a esses textos, feito por Carlos Filgueira, destoa bastante da proposta do livro. Ele se mostra visivelmente mais preocupado com as teorias a respeito do estado de bem-estar do que com questões relacionadas à família, gênero e trabalho. Usa os dois artigos que vem comentar para puxar discussões a respeito da seguridade social, dos modelos de seguridade e aposentadoria, das opções que seriam viáveis no Uruguai atualmente, sem dar atenção às questões centrais

levantadas pelos dois artigos. Ele cita as mulheres no meio de suas preocupações, mas de forma muito pouco enfática, e não a partir de uma perspectiva de gênero, e no final do comentário deixa entender que suas preocupações são, majoritariamente, de classe.

No último eixo temático do livro, sobre homens e seu papel familiar, temos o artigo *Conyugalidad y paternidad ¿Una revolución estancada?*, da Argentina, de Catalina Wainerman; em seguida o artigo *O lugar dos homens na reprodução*, sobre o Brasil, mais especificamente São Paulo, de Maria Coleta Oliveira; e o comentário destes realizado por Norma Fuller, antropóloga que leciona no Peru.

O texto de Catalina Wainerman surge com o intento de responder, segundo sua relativamente variada amostragem de pesquisa, à seguinte questão: as mudanças nas relações de gênero na esfera pública as mudaram também na esfera privada? Ou seja, a inserção de mulheres no mercado de trabalho, o qual foi no passado “espaço masculino”, fez com que os homens se envolvessem também no dito “mundo feminino” do lar? Bem, os dados mostram que não, e nesse sentido a autora aponta para uma revolução estancada das mulheres, a qual não teria se concluído porque sua inserção na esfera pública não as desvencilhou da esfera privada. Nesse sentido o “trabalhar fora” significa, apesar das vantagens que pode trazer às mulheres, a certeza de uma desgastante dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa. No texto, como em outros anteriormente aqui citados, explicita-se que os cuidados com os filhos, ligados à idéia de paternidade, são tarefas as quais os homens realizam, ainda que não sozinhos. Mas os cuidados com a casa são ainda, muitas vezes, funções exclusivamente femininas. Ainda que o texto se detenha muito a dados da pesquisa, e seja às vezes irritantemente repetitivo no que se refere a esses dados, ele aponta para discussões interessantes, como quando conclui que, se a dupla jornada de trabalho não é mais um problema de algumas mulheres como teria sido no passado, e sim de sua grande maioria, ele deve ser resolvido em conjunto, e não com soluções individuais em cada lar (seja através da contratação do serviço doméstico, ou da ajuda de parentes e amigos etc.). Vale lembrar que não se problematiza o serviço doméstico, nem neste nem nos outros artigos do livro.

Maria Coleta Oliveira faz uma pesquisa com foco na masculinidade e paternidade, entrevistando homens e mulheres na cidade de São Paulo, ainda nos anos 1990 (ano de 1997). Ela dá muita atenção às construções sócio-culturais de masculinidade e feminilidade, e as relaciona com questões reprodutivas. Nisso cita o modelo de comportamento no qual os homens possuem um desejo “natural”, “inerente”, por sexo, enquanto as mulheres possuem esse desejo “natural e inerente” pela maternidade. Nessa questão ela relaciona as entrevistas, em que os homens comentam a paternidade com respeito, mas a enxergam como “um caminho sem

volta”, que exige muita responsabilidade, e portanto costuma ser evitada. Sobre as responsabilidades que envolvem a paternidade, mesclam-se responsabilidades entendidas como tradicionais com algumas mais, digamos assim, modernas. Ou seja, enquanto os pais ainda acham que devem ser os provedores e modelos morais de seus filhos e filhas (perspectiva mais tradicional), também acham que devem ser companheiros e estarem presentes (perspectiva mais moderna). Sobre sua colaboração no cuidado com os filhos, ela é aceitável e esperada no geral e inclusive motivo de orgulho em casais onde a divisão de tarefas se mostra mais (ainda que não totalmente) igual. A autora chama a atenção para os modos de vida presentes em uma metrópole como São Paulo, no intuito de localizar os comportamentos encontrados em sua pesquisa.

O comentário de Norma Fuller dá especial atenção à questão da paternidade e masculinidade, e de como esse é um campo pouco aprofundado pelos estudos de gênero na América Latina. Ela chama a atenção, baseada nos artigos que comenta, para o fato de que cuidar dos filhos não é mais uma tarefa vista como tão feminina quanto cuidar da casa, o que mostra significativa mudança no entendimento geral do que seja a paternidade. Atenta também para o fato de que a noção de paternidade em países como o Brasil e a Argentina, que passaram por um processo de individualização que diverge dos demais países da América Latina, precisa ser visto com olhos diferenciados, uma vez que “o medo da responsabilidade” do “caminho sem volta” da paternidade não parece estar presente, por exemplo, em pesquisas realizadas no Peru. Por último, Norma Fuller nos lembra que mudanças nos padrões de paternidade não trazem necessariamente mudanças nas relações de gênero, que são relações muito complexas e não se comportam de forma automática respondendo a tais ou quais fatores.

Ainda que este seja um livro específico, resultado de um evento acadêmico também específico, é uma obra interessante no sentido de trazer discussões e dados atuais a respeito do problema do trabalho e da família a partir de uma perspectiva de gênero, com alguns de seus textos evidentemente mais interessantes que outros. Mesmo para o campo da história a obra traz suas contribuições, apesar dos formatos e dos problemas apresentados não estarem relacionados diretamente com a historiografia. Para o campo da história das mulheres, das masculinidades, dos feminismos ou das transformações nas relações de gênero, entre outras questões, é um livro de importante contribuição. Para interessadas e interessados nos temas abordados é também leitura indicada, por levantar questões presentes e importantes focos de discussões sobre os temas em nossa atualidade.²

NOTAS

1 Essa discussão é melhor observada por Joan Scott em SCOTT, Joan. "O enigma da igualdade". *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 13 (1): janeiro/abril 2005, p. 11-30.

2 Muitos dos dados encontrados no livro batem, por exemplo, com dados de uma pesquisa brasileira que pode ser observada em ARAÚJO, Clara; SCALON Celi (orgs). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.